

## Apresentação (1958)

O livro intitulado *Do modo de existência dos objetos técnicos* almeja introduzir na cultura um conhecimento adequado dos objetos técnicos, considerados em três níveis: elementos, indivíduos e conjuntos. Em nossa civilização, há um hiato entre as atitudes suscitadas no homem pelo objeto técnico e a verdadeira natureza desses objetos. Dessa relação inadequada e confusa resulta, no comprador, no construtor e no operador, um conjunto de valorizações e desvalorizações mitológicas. Para substituir essa relação inadequada por uma relação verdadeira, é preciso haver uma conscientização do modo de existência dos objetos técnicos.

Tal conscientização se dá em três etapas.

A primeira busca apreender a gênese dos objetos técnicos: eles não devem ser vistos como seres artificiais. O sentido de sua evolução é uma concretização. Um objeto técnico primitivo é um sistema abstrato de funcionamentos parciais isolados, sem uma base comum de existência, sem reciprocidade causal, sem ressonância interna. Um objeto técnico aperfeiçoado é um objeto individualizado, no qual cada estrutura é plurifuncional, sobredeterminada; cada estrutura existe nele não apenas como órgão, mas como corpo, como meio, como base para as outras estruturas. Nesse sistema de compatibilidade, cuja sistemática se forma tal como uma axiomática se satura, cada elemento exerce não apenas uma função no conjunto, mas uma função de con-

junto. Há como que uma redundância de informação no objeto técnico que se concretiza.

Esta ideia de informação permite interpretar a evolução geral dos objetos técnicos segundo uma lei de conservação da tecnicidade, através da sucessão de elementos, indivíduos e conjuntos. O verdadeiro progresso dos objetos técnicos se efetua por um esquema de relaxação, não de continuidade: há uma conservação da tecnicidade como informação através dos sucessivos ciclos evolutivos.

A segunda etapa considera a relação entre o homem e o objeto técnico, no nível do indivíduo, de um lado, e no dos conjuntos, de outro. O modo de acesso do indivíduo ao objeto técnico é *menor* ou *maior*. O modo menor é aquele que convém ao conhecimento da ferramenta e do instrumento; é primitivo, porém adequado a esse nível de existência da tecnicidade na forma de ferramentas ou instrumentos; faz do homem um portador de ferramentas, de acordo com uma aprendizagem concreta, uma espécie de simbiose instintiva do homem com o objeto técnico usado em determinado meio, segundo a intuição e o conhecimento implícito, quase inato. O modo maior supõe uma conscientização dos esquemas de funcionamento: é politécnico. A *Encyclopédie* de Diderot e d'Alembert ilustra a passagem do modo menor para o modo maior.

No nível dos conjuntos, a consciência que o grupo adquire de sua relação com os objetos técnicos traduz-se pelas diversas modalidades da ideia de progresso, que são os juízos de valor formulados pelo grupo sobre o poder que esses objetos possuem de fazer o grupo evoluir: o progresso otimista do século XVIII corresponde a uma conscientização da melhora dos elementos; o progresso pessimista e dramático do século XIX corresponde à substituição do indivíduo humano portador de ferramentas pelo indivíduo-máquina,

bem como à inquietação que resulta dessa frustração. Por último, resta elaborar uma nova ideia de progresso que corresponda à descoberta da tecnicidade no nível dos conjuntos de nossa época, graças a um aprofundamento da teoria da informação e da comunicação: a verdadeira natureza do homem não é ser portador de ferramentas – e, portanto, concorrente da máquina –, mas inventor de objetos técnicos capazes de resolver problemas de compatibilidade entre as máquinas num conjunto. No nível das máquinas, entre as máquinas, ele as coordena e organiza a relação mútua que elas mantêm. Mais do que governá-las, ele as compatibiliza, é agente e tradutor de informações de máquina para máquina, intervindo na margem de indeterminação contida no funcionamento da máquina aberta, capaz de receber informações. O homem constrói a significação das trocas de informações entre máquinas. Sua relação adequada com o objeto técnico deve ser apreendida como um acoplamento entre o vivo e o não vivo. O automatismo puro, que exclui o homem e imita o ser vivo, é um mito não correspondente ao mais alto nível possível de tecnicidade: não existe a máquina de todas as máquinas.

Por fim, a terceira fase da conscientização substitui o objeto técnico *no conjunto do real*, procurando conhecê-lo em sua essência, segundo uma gênese da tecnicidade. A hipótese básica da doutrina filosófica usada consiste em supor a existência de um modo primitivo de relação do homem com o mundo, que é o modo mágico: de uma ruptura interna dessa relação saem duas fases simultâneas e opostas – a fase técnica e a fase religiosa; a tecnicidade é a mobilização das funções figurais, o levantamento dos pontos-chave da relação do homem com o mundo; a religiosidade refere-se, ao contrário, ao respeito pelas funções de fundo: é o apego à totalidade em seu fundo. *Essa relação defasada*

*do homem com o mundo recebe uma mediação imperfeita da atividade estética:* o pensamento estético conserva uma nostalgia da relação primitiva do homem com o mundo, é o neutro entre fases opostas. Mas seu caráter concreto de construtor de objetos limita seu poder de mediação, pois o objeto estético perde sua neutralidade e, por conseguinte, seu poder de mediação, ao procurar tornar-se funcional ou sagrado. Somente no nível do pensamento que é, a um tempo, o mais primitivo e o mais elaborado de todos – o pensamento filosófico – pode intervir uma mediação verdadeiramente *neutra, equilibrada*, por ser *completa* entre fases opostas. Portanto, é somente o *pensamento filosófico* que pode tomar a si o conhecimento, a valorização e o acabamento da fase de tecnicidade no conjunto dos modos de o homem ser no mundo, por uma mediação sobre a relação entre ciência e técnica, teologia e mística.